



**A CONSTRUÇÃO INTENSIFICADORA DE GRAU [P(A)RA LÁ DE X_{ADJ}]
– TRAJETÓRIA, PARADIGMATIZAÇÃO E DEGENERAÇÃO**

**THE DEGREE INTENSIFYING CONSTRUCTION [P(A)RA LÁ DE X_{ADJ}]
- TRAJECTORY, PARADIGMATIZATION AND DEGENERATION**

Mariangela Rios de Oliveira¹

Vanessa Barbosa de Paula²

RESUMO

Nosso objetivo é descrever e analisar, em termos de gradualidade e gradiência, a construção intensificadora de grau formada pelas subpartes fixas **para**, **lá** e **de** vinculadas a um adjetivo subsequente e estruturada no esquema **[p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}**. Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso, nos termos de Traugott; Trousdale (2013), Bybee (2010, 2015) e Hilpert (2014), entre outros, detectamos, na trajetória do português, neanálises que, sob forma de micropassos de mudança linguística, fizeram emergir e se rotinizar na língua essa nova construção no português brasileiro contemporâneo. Para tanto, levantamos contextos de uso, nos termos de Diewald (2002, 2006), que motivaram a vinculação de sentido e forma das subpartes envolvidas, até a convencionalização simbólica de um novo membro da gramática do português, de uma construcionalização gramatical. Uma vez convencionalizada na língua, a **[p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}** passa a integrar o *constructicon*, como novo constituinte do paradigma das expressões de grau intensificador, na última etapa do *cline* contextual proposto por Diewald; Smirnova (2012). Nessa inserção, a **[p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}** situa-se em posição marginal na classe dos intensificadores de grau, passando a competir pela instanciação no uso linguístico com

1 Professora Titular de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ, pesquisadora IC do CNPq, Bolsista do Nosso Estado pela Faperj e prof. visitante na UERJ/FFP, e-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com

2 Mestre em Letras pela UFF e mestranda em Estudos de Linguagem pela UFF; é membro do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e docente da Educação Básica de duas prefeituras municipais do Estado do Rio de Janeiro; e-mail: vanessabdepaula@hotmail.com



outras construções de função correspondente, como [muito X_{adj}] e [X_{adj} demais], entre outras, em relações horizontais no *constructicon*, classificadas como *degenerativas* por Van de Velde (2014), na evidência da variabilidade que marca os usos linguísticos, também ratificada por Bybee (2010, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: Construção intensificadora de grau; construcionalização gramatical; paradigmática; degeneração.

ABSTRACT

Our aim is to describe and analyze, in terms of graduality and gradient, the intensifying construction of degree formed by the fixed subparts **para**, **lá** and **de** linked to a subsequent adjective and structured in the scheme [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}. Taking the Usage-Based Functional Linguistics as theoretical support, according to Traugott and Trousdale (2013), Bybee (2010, 2015) and Hilpert (2014), among others, we detected, in the Portuguese trajectory, neoanalyses that, in the form of micro-steps of linguistic change, have led to the emergence and routinization of this new construction in contemporary Brazilian Portuguese. In order to do so, we have contexts of use, in Diewald's terms (2002, 2006), which motivated the linking of meaning and form of the sub-parts involved, until the symbolic conventionalization of a new member of the grammar of Portuguese, of a grammatical constructionalization. Once conventionalized in language, [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} integrates the constructicon, as a new constituent of the intensifying degree paradigm, in the last stage of the contextual cline proposed by Diewald and Smirnova (2012). In this insertion, the [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} is in the marginal position in the class of degree intensifiers, competing for instantiation in linguistic use with other constructions of corresponding function, such as [muito X_{adj}] and [X_{adj} demais], among others, in horizontal relations in the constructicon, classified as degeneracy by Van de Velde (2014), in the evidence of the variability that marks the language usage, also ratified by Bybee (2010, 2015).

KEYWORDS: Degree intensifying construction; grammatical constructionalization; paradigmaticization; degeneration.

Introdução

A abordagem construcional da gramática é uma das vertentes de pesquisa mais recentes dos estudos funcionalistas, que hoje nomeamos como Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Resultante do diálogo mais estreito entre o Funcionalismo de base norte-americana e a pesquisa cognitivista sobre a construção gramatical, a LFCU, inspirada em Traugott; Trousdale (2013), Bybee (2010, 2015) e Hilpert (2014), entre outros, volta-se no Brasil para o levantamento, a descrição e a análise do inventário de construções do português, com foco em suas relações na rede, em nível vertical, horizontal ou ainda transversal, como demonstrado em Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2018), Furtado da Cunha; Lacerda (2017), Rosário; Oliveira (2016) e Oliveira; Rosário (2015), entre outros. Trata-se, nesse sentido, de uma vasta e desafiadora agenda de pesquisa, que hoje toma os usos linguísticos como instâncias de construções, sejam estas lexicais ou gramaticais, como o lócus original e final dos padrões gramaticais.

Neste artigo, com base nos pressupostos teóricos da LFCU, tomamos como

objeto de investigação uma construção gramatical específica, instanciada no português brasileiro contemporâneo e formada por três subpartes fixas, cuja categoria fonte define-se, respectivamente, como o arranjo formado pela preposição **para**, o locativo **lá** e a preposição **de**, seguidas por X, uma quarta subparte sob forma de *slot*, que é preenchido por elemento da classe dos adjetivos. Tal esquema cumpre função de intensificação de grau do SN antecedente (SILVA, 2014), sobrelevando a atribuição própria da classe dos adjetivos, numa relação intersubjetiva na qual os interlocutores forjam, negociam e partilham esse sentido intensificador, voltado para o convencimento e a injunção, de acordo com Traugott; Dasher (2002).

Codificada como [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}, classificamos essa construção, nos termos de Traugott; Trousdale (2013), como: a) complexa, porque formada por quatro subpartes; b) gramatical, porque veiculadora de sentido procedural, voltado para a intensificação de grau; c) pouco esquemática e parcialmente composicional, porque tem somente uma subparte aberta, a X_{adj}, enquanto as demais são fixas, com alguma retenção de traços de sua categoria fonte. Em (1) e (2), a seguir, ilustramos a instanciamento da construção sob nossa análise:

(1) Ela assumiu o posto de apresentadora de o Chelsea Lately na segunda como convidada substituta e mostrou por que amamos tanto a garotinha de “Operação Cupido”. Durante seu monólogo de abertura... Em entrevista recente, Sharon Osbourne foi **para lá de crítica** com estrelas da cultura pop, alfinetando Justin Bieber, o congressista Anthony Weiner e o talk show The View. Mas ela não parou por aí. (www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://blog.clubnme.com.br/?p=8332>).

(2) Um profissional, no caso o do Magistério, que está continuamente em contato com milhares de alunos está mais suscetível a doenças, e, como no momento está ocorrendo um rotavírus, será que nenhum professor adoecerá? como se esta já não fosse uma situação **para lá de dramática**, quando existe a intercorrência de um rotavírus, um grande número de professores, e também de alunos, adoece! (www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://www.apeoc.org.br/opiniaio/6094-professor-apesar-de-tudo.html>).

Os fragmentos (1) e (2) têm em comum a marca da exposição avaliativa, da opinião dos locutores acerca do objeto a ser comentado – a atuação de Sharon Osbourne em entrevista recente e a exposição ao rotavírus por parte de professores, respectivamente. Em ambos os trechos, temos a instanciamento de [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} como mais uma estratégia em prol do convencimento e da persuasão, concorrendo para intensificar a criticidade de Sharon Osbourne, em (1), e a dramaticidade da intercorrência de rotavírus em professores, em (2). Em usos assim articulados, estamos diante de um *chunking*, conforme Bybee (2010), por intermédio do qual as subpartes do esquema referido atuam integradamente, em termos de sentido e estrutura, na formação de um pareamento convencional e simbólico, de acordo com Croft (2001). Nesse sentido, as quatro subpartes envolvidas se destituem de propriedades de sua categoria fonte em prol da articulação da intensificação de grau, na formação de um esquema que passa a constituir

um novo elemento da gramática do português, um novo nó na rede de construções da língua.

Partimos das seguintes indagações, que conduzem o desenvolvimento do presente artigo:

- A) Em termos históricos, quando se forja no português a [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}?
- B) Que contextos de uso, como assumidos por Diewald (2002, 2006) e Heine (2002), motivam e conduzem à construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}? Quais as neanálises, sob forma de micropassos, que derivam nesse esquema da língua?
- C) Como a [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}, na condição de um novo membro da gramática do português, passa a integrar paradigmaticamente a classe dos intensificadores de grau?
- D) Com que outras construções da língua, de sentido correspondente, a [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} passa a competir pela instanciação no uso linguístico? Que propriedades textual-discursivas favorecem seu uso pela comunidade?

Para responder aos quatro problemas de pesquisa elencados, partimos das seguintes e respectivas hipóteses de trabalho:

- A') [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} é um esquema recente no *constructicon* do português do Brasil, que se convencionaliza de modo efetivo e regular a partir do século XX.
- B') Contextos referenciais e menos subjetivos, nos quais as subpartes **para** e **lá** articulam sentido mais referencial e espacial, servem de base para inferências e polissemias; estas, incrementadas por neoanálises ao nível da estrutura, são a ponte para a construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}.
- C') Uma vez convencionalizada, [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} se paradigmaticamente, conforme assumido por Diewald; Smirnova (2012), tornando-se um novo e marginal membro da classe dos intensificadores de grau da gramática do português.
- D') Como novo constituinte dessa classe, [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} passa a competir, em relações horizontais e verticais, com outras construções da língua cumpridoras da função geral de intensificação de grau, como [muito X_{adj}] e [X_{adj} demais] entre outras, na demonstração da marca degenerativa defendida por Van de Velde (2014); nessa competição pelo uso (HOPPER, 1991), observamos que registros mais informais, dialógicos e menos monitorados motivam a instanciação de [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} face a outras construções de funcionalidade similar.

As perguntas e hipóteses referidas orientam os seguintes objetivos deste artigo:

- A'') Identificar, na trajetória do português, a sincronia em que se detecta, como contexto de uso isolado, nos termos de Diewald (2002, 2006), ou convencionalizado, de acordo com Heine (2002), a efetiva [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}.

B'') Levantar o *cline* contextual, fundado na derivação de base localista *espaço > tempo > texto* (TRAUGOTT, HEINE, 1991), que conduz à construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}.

C'') Descrever as propriedades da [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} que a configuram como membro não-prototípico ou marcado da classe dos intensificadores de grau do português.

D'') Levantar, no paradigma dos intensificadores de grau e na rede de construções da língua, alguns membros com os quais [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} estabelece relações degenerativas, na competição pelo uso.

Para responder as perguntas aqui listadas, testar nossas hipóteses de trabalho e atingir os objetivos referidos, organizamos este artigo em torno de três seções mais amplas. Na primeira, apresentamos e comentamos a base teórico-metodológica que nos orienta, com destaque para os pressupostos da LFCU, o método funcionalista que mescla viés qualitativo e quantitativo, bem como os *corpora* a partir dos quais os dados da pesquisa são levantados. Na segunda seção, voltamos para os contextos de uso, na trajetória do português, que servem de fonte, de atipicidade e de criticidade para a construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}; interessa-nos, nesta seção: a) detectar as propriedades, em termos de sentido e de estrutura, que concorreram para a convencionalização desse esquema intensificador na língua, no viés da gradualidade da mudança linguística; b) demonstrar paralelamente como contextos mais antigos, que forjaram a construcionalização em estudo, ainda são detectados no português contemporâneo, no viés da gradiência sincrônica. Na terceira seção, examinamos [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} como efetivo membro da classe dos intensificadores de grau, na defesa de que se trata de constituinte marginal e periférico dessa categoria; aí também destacamos as associações horizontais no *constructicon* do português, que fazem com que [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} estabeleça relações degenerativas, na competição pelo uso, com esquemas de função intensificadora similar. Por fim, retomamos e respondemos os problemas de pesquisa, tecendo considerações acerca das perspectivas e alternativas da pesquisa nessa área de investigação, com foco no desafio em lidar com a variabilidade linguística na abordagem construcional da gramática.

1. Base teórico-metodológica

Apresentamos aqui os fundamentos teóricos e os procedimentos metodológicos que alicerçam descrições e análises realizadas nas seções subsequentes. Assim, a seção se encontra distribuída em duas subpartes: a primeira, dedicada aos pressupostos da LFCU que nos orientam teoricamente, e a segunda, com informes acerca das fontes de dados aqui investigados e dos procedimentos adotados para sua análise interpretativa.

1.1. Pressupostos da LFCU

O fundamento central da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), como

estágio contemporâneo do Funcionalismo de vertente norte-americana, é a assunção de que os usos linguísticos são consequentes de, pelo menos, três motivações complementares: a) as pragmático-discursivas, atinentes aos fatores que moldam a interação, em termos sócio-históricos e textuais; b) as cognitivas, referentes aos processos de domínio geral, fundados na experiência humana, como destacados em Bybee (2010, 2015); c) as estruturais, relativas à própria configuração das formas gramaticais, que exercem pressão sobre os padrões de uso, em termos de sua estabilidade, variabilidade e mudança. Trata-se, portanto, de uma abordagem holística, que contempla distintos fatores intervenientes na configuração da gramática e na sua instanciação, em termos de língua em uso. Assim posto, podemos dizer que nosso objeto de pesquisa, a [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}, é motivada justamente pela ação desse tripé.

A LFCU, como teorização contemporânea funcionalista, conduz ao refinamento de conceitos relevantes que integram os fundamentos básicos de pesquisa nessa área. Um deles é o de *gramática*, que passa a ser concebida em termos mais amplos e virtuais, como sistema de conhecimento linguístico hipotético que inclui não só morfossintaxe, semântica e fonologia, mas também pragmática e funções discursivas, conforme preconizam Traugott; Trousdale (2013, p. 95). Outro ponto chave é a conceituação da unidade básica da gramática como uma *construção*, ou seja, como um pareamento convencional de forma e sentido, nos termos de Goldberg (1995, 2006, 2009) e Croft e Cruse (2004); interessa ainda à LFCU, distintamente dos estudos cognitivistas, a origem das construções da língua, com foco nos ambientes pragmático-discursivos que forjam e fixam esses esquemas simbólicos. Assim posto, a *língua* é concebida como uma rede de construções, um *constructicon*, em que cada nó (construção) se interconecta com outros da rede; as construções se relacionam sintagmática e paradigmaticamente, como assumido em Hilpert (2014). Levando em conta tais conceitos, interpretamos [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} como: a) uma construção gramatical integrante do *constructicon* do português; b) um nó componente do paradigma dos intensificadores de grau, situado marginalmente nesta categoria morfológica da língua; c) uma convencionalização mais recente na trajetória do português e, por conta de tal condição, mais pesada e complexa, mais marcada face a outros membros da classe dos intensificadores de grau.

De acordo com Traugott; Trousdale (2013), construções manifestam três tipos de propriedades gradientes. Uma delas é a *esquematicidade*, que se refere ao nível de abstração ou virtualidade construcional³; assim, temos na língua construções altamente abstratas, situadas no nível hierárquico mais alto do *constructicon* ([SVO], [SN], [SPrep]), outras parcialmente esquemáticas ([X_{mente}], [dar uma X_{ada}]) e outras totalmente específicas, classificadas como microconstruções individuais ([sei lá], [embora]). A segunda propriedade é a *produtividade*, relativa aos parâmetros de frequência de um padrão (*type*) e de ocorrência específica com que

esse padrão é instanciado no uso linguístico (*token*); a produtividade impacta a representação categorial da língua, como destacado em Bybee (2010, 2015), e concorre para o estabelecimento do grau com que uma construção é mais ou menos sancionada pelos usuários. O terceiro fator é a *composicionalidade*, atinente ao grau de transparência, em termos de sentido e forma, exibido por um padrão construcional; pela composicionalidade, podemos mensurar o grau de previsibilidade com que o sentido e o formato de cada subparte podem concorrer para a função do pareamento como um todo; construções menos composicionais tendem a exibir maior esquematicidade, enquanto as de maior composicionalidade são mais específicas. No que concerne a nosso objeto de pesquisa, consideramos [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} uma construção de baixa esquematicidade, com produtividade relativa, detectada em contextos mais distensos e menos monitorados, na articulação de sequências expositivas, de natureza persuasiva, e de composicionalidade relativa, dado que as três primeiras subpartes se encontram altamente abstratizadas e preenchidas, enquanto a última, ocupada pelo *slot X*, mantém sua função atributiva da categoria fonte adjetiva.

Outro pressuposto básico da LFCU é assumir mudança linguística como mudança em nível construcional. Assim, supera-se o tratamento distinto entre gramaticalização e lexicalização, como exposto em Brinton e Traugott (2006), característico da fase clássica do Funcionalismo⁴ (ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016). Hoje, conforme Traugott; Trousdale (2013), o foco da pesquisa da mudança leva em conta dois conceitos básicos: a) *construcionalização*, entendida como a criação de uma nova construção de natureza lexical ou gramatical a partir de constituintes menos vinculados até então, com a convencionalização de um novo pareamento de sentido e forma no *constructicon*, que se interconecta aos demais membros da rede por distintos links de herança; b) *mudança construcional*, tomada como tipo de alteração que afeta somente um dos eixos da construção, o sentido ou a forma, sem chegar a constituir um inédito esquema na língua. Podemos, portanto, dizer que toda construcionalização resulta de mudanças construcionais, porém nem toda mudança construcional leva à construcionalização. Em termos de nosso objeto de pesquisa, consideramos [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} como uma construcionalização de tipo gramatical ou procedural, um inédito pareamento de sentido (grau intensificador) e formato (quatro subpartes fixas, sob forma de *chunking*), resultante de mudanças construcionais ao longo da trajetória da língua. Tais mudanças ocorrem em contextos específicos e sob forma de micropassos, de sucessivas neoanálises, de inéditas elaborações interpretativas pactuadas entre os interlocutores, que culminam com a criação de um novo esquema no *constructicon*.

Para dar conta do *cline* contextual evidenciador dos micropassos, como mudanças construcionais, que conduziram à construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}, apoiamo-nos na taxonomia proposta por Diewald (2002, 2006), Heine (2002) e Diewald; Smirnova (2012).

³ Em construções mais esquemáticas, posições em aberto são marcadas com letras maiúsculas, na representação de *slots*, tomados como subpartes passíveis de serem preenchidas e instanciadas por distintos constituintes.

⁴ De acordo com os autores, a fase clássica dos estudos funcionalistas se refere ao período a partir dos anos 70 do século XX até o início do século XXI, quando se inicia a interface maior com os estudos cognitivistas, mais especificamente os relativos à abordagem construcional da gramática.

Embora as tipologias de contexto assumidas pelos autores se vinculem ao tratamento da gramaticalização em perspectiva histórica, na esfera da clássica pesquisa funcionalista, consideramos que se trata de propostas capazes de serem incorporadas à abordagem construcional da gramática hoje praticada pela LFCU, tanto em termos da pesquisa da mudança construcional quanto na da construcionalização.

A seguir, trazemos, no Quadro 1, a síntese dessas propostas, a partir da qual tecemos nossos comentários:

Quadro 1 - Comparação da taxonomia contextual de Heine (2002) e Diewald (2002, 2006)

Heine	Diewald
Estágio 1: uso <i>normal</i>	Estágio 0: uso <i>normal</i>
	Estágio 1: contexto <i>atípico</i>
Estágio 2: contexto <i>ponte</i> (pragmático, semântico)	Estágio 2: contexto <i>crítico</i> (múltipla opacidade: pragmática, semântica e estrutural)
Estágio 3: contexto <i>switch</i> (gramaticalização)	Estágio 3: contexto <i>isolado</i> (gramaticalização: reorganização e diferenciação)
Estágio 4: convencionalização	

Fonte: com base na versão de Traugott (2012, p. 9)

Como podemos observar, ambas as classificações partem de estágios *normais*, ou seja, de etapas em que os elementos envolvidos na mudança linguística ainda portam suas propriedades da categoria fonte, ou seja, trata-se de elementos situados no plano lexical da gramática, veiculadores de sentido mais referencial e concreto, com baixo nível de subjetividade. No estágio subsequente, constatamos pequena distinção entre as propostas, uma vez que, para Heine (2002), o contexto *ponte* encerra tanto alteração de uso no nível pragmático quanto no nível semântico, fomentando a ambiguidade e a polissemia; já a proposta de Diewald (2002, 2006) refina esse segundo estágio, dado que distingue uma segunda etapa (contexto *atípico*), em que prevalecem inferências ao nível do sentido, de uma terceira etapa (contexto *crítico*), na qual, para além de ambiguidade e polissemia, detecta-se também opacidade no plano estrutural, gerando certa confusão metonímica, com difusão das margens das subpartes envolvidas na mudança linguística. Na sequência, Heine (2002), após o contexto *ponte*, propõe o contexto *switch*, no qual se efetiva a mudança gramatical; ao se expandir na comunidade linguística, a quarta e final etapa se consolida, por intermédio da *convencionalização*. Para Diewald (2002, 2006), que refina mais os estágios de transição, a

etapa final é classificada como contexto *isolado*, como a efetivação da mudança gramatical, na qual o novo constituinte da gramática se afasta e distingue daquele que o forjou nas fases iniciais.

No que concerne à trajetória que culmina na [p(a)ra lá de X_{adj-ig}], consideramos que os usos *normais* são aqueles em que as subpartes **para** e **lá** expressam sentido mais lexical, voltado para a articulação de direção a espaço físico, concreto. Num segundo estágio contextual, tanto a direção quanto o espaço passam a ter contornos mais abstratos, gerando polissemia, e, na sequência, com a incorporação de alterações no nível metonímico, a opacidade se torna múltipla. A partir daí, criam-se as condições favoráveis para a deflagração da construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj-ig}], com a consequente convencionalização e inserção na classe dos intensificadores de grau do português. Esses estágios, tratados pelos autores citados em termos de etapas históricas, podem, em muitos casos, como no da [p(a)ra lá de X_{adj-ig}], ser detectados numa mesma sincronia, na condição de usos de idade distinta na língua, configurando a gradiência dos usos linguísticos (Bybee, 2010, 2015).

Mais tarde, Diewald; Smirnova (2012) propõem uma quarta etapa contextual, nomeada de *paradigmatização*, na consideração de que, uma vez cumprida a trajetória de mudança, o paradigma gramatical é reorganizado, com a inserção de um novo membro em classe da gramática da língua. Uma vez paradigmatizado, esse constituinte passa a competir pelo uso com os demais membros da nova categoria a que pertence, como mais uma alternativa, mais uma *camada*, conforme propõe Hopper (1991). Assumimos aqui que esse elemento resultante de mudança linguística mais recente, via de regra, não porta a maior parte dos traços da nova categoria que passa a integrar, ficando aí em posição marginal, fora do eixo central em que se situam os protótipos da categoria, constituindo forma marcada nesse conjunto.

Ao considerarmos a paradigmatização de [p(a)ra lá de X_{adj-ig}] como etapa derradeira de construcionalização, esse esquema passa a estabelecer relações horizontais e verticais no *constructicon* de caráter *degenerativo*, nos termos de Van de Velde (2014). Segundo o autor, a *degeneração*, rótulo tomado da biologia evolutiva, é proposta para dar conta da competição pelo uso e da redundância na perspectiva da construção gramatical. Para Van de Velde (2014), os usuários precisam ser redundantes nas interações cotidianas, ou seja, precisam maximizar o conteúdo veiculado, como estratégia garantidora da eficiência comunicativa. Assim motivados, forjam esquemas distintos para propósitos discursivos afins, são extravagantes e inflacionam a língua, renovando a gramática com construções que disputam instanciação. A consideração das relações degenerativas destaca a dimensão horizontal dos *links* na rede construcional e também os níveis hierárquicos mais baixos, atinentes aos subesquemas e às microconstruções, pois é nesse ponto que costuma se estabelecer um conjunto de *types* específicos a serviço de propósitos comunicativos afins. Levando em conta a classe dos intensificadores de grau, função maior de nosso objeto de pesquisa, todos os membros aí situados passam a estabelecer relações degenerativas com [p(a)ra lá de X_{adj-ig}]; a instanciação de um ou outro esquema tem em conta as

condições contextuais em que se realiza cada interação.

1.2. Corpora e procedimentos metodológicos

Trabalhamos com dois corpora, por conta da gradualidade (perspectiva diacrônica) e da gradiência (perspectiva sincrônica) na abordagem de nosso objeto de pesquisa. O banco de dados que utilizamos para a abordagem histórica da construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} é o *Corpus do Português*, disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/>.

Foram levantados, de forma exaustiva⁵, contextos em que **para** e **lá** se apresentavam contiguamente nas sincronias do século XIV ao XIX. Uma vez que o constituinte **de (da, do, das, dos)** somente foi detectado em sequência aos demais a partir do século XIX, o levantamento voltou-se para o arranjo **para lá de** a partir desse século também. Para os séculos XX e XXI, a pesquisa dedicou-se exclusivamente ao levantamento do arranjo **para lá de**. Em relação aos séculos XIV e XV, desconsideraram-se distinções de nível ortográfico, assim, formas como **pera, pa, ala, alá, llaa, e alaa** foram também levantadas; a partir do século XVI, somente ocorrem as formas grafadas como **para** e **lá**.

De acordo com o tipo de disponibilização das fontes empíricas nesse corpus, o controle das variedades do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB), bem como do tipo de registro (acadêmico, notícias, ficção e oral), é feito somente a partir do século XX. Assim, do século XIV ao XIX, os dados são tratados sem distinção entre ambas as variedades nacionais do português. No século XX, das 47 ocorrências levantadas de **para lá de**, seis são do PB, conforme ilustrado na Tabela 1 que se segue. No século XXI, aumenta consideravelmente a produtividade do *chunking para lá de* e se convencionaliza nosso objeto de pesquisa; todas os 1.389 dados da Tabela 1 para esse século são do PB.

A seguir, apresentamos o levantamento de dados históricos, com foco na gradualidade da construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} :

Tabela 1: Levantamento da expressão **para lá (de)** e variantes no *Corpus do Português*

Século	Dados
XIV	7
XV	32
XVI	53
XVII	23
XVIII	10
XIX	326
XX	47 (6 PB)
XXI	1.389 (PB)
Total	1.887

⁵ Exceto em relação aos dados do século XXI do PB; das 1.389 ocorrências levantadas nessa sincronia, foram selecionadas as 30 primeiras para análise, nessa etapa de nossa pesquisa.

Como podemos observar a partir da Tabela 1, instâncias de uso da expressão **para lá (de)** são pouco produtivas, totalizando 1.887 registros. A frequência se incrementa drasticamente, com 1.389 dados, no século XXI, justamente por conta da construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} no PB, na formação de um novo esquema, com nova função e formato, no paradigma dos intensificadores de grau, como será visto mais detalhadamente na próxima seção. Destaca-se ainda a baixa ocorrência de dados no século XVIII, uma vez que o *Corpus do Português* elenca poucas fontes históricas nesse século, o que concorre para a menor produtividade referida.

Do ponto de vista do método de pesquisa, compatibilizamos o viés qualitativo e o quantitativo, com ênfase no primeiro, a partir dos contextos de uso mais amplos, com base na taxonomia de Diewald (2002; 2006) e Heine (2002). Como destacado em Traugott; Trousdale (2013), a abordagem histórica da mudança linguística depende de evidências empíricas, de dados atestados ao longo da trajetória da língua. Por outro lado, essa evidencialidade não necessariamente precisa ser robusta em termos quantitativos, levando-se em conta o leque de limitações e de contingências em lidar com documentos antigos. Três dessas restrições, no nosso caso específico, são a modalidade, o registro e a sincronia da construcionalização, uma vez que [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} é instanciada preferencialmente em interações orais, mais distensas e recentes, o que torna a captação de sua gradualidade desafiadora ao pesquisador. Portanto, dados históricos são preciosos e vamos considerá-los fortemente, mas sem destacá-los de modo mais acentuado em termos de produtividade.

Por se tratar de um esquema convencionalizado mais recentemente na língua, cujas instâncias de uso são captadas somente a partir do século XX, optamos por complementar os dados em análise com o corpus organizado por Venâncio (2015)⁶, para a pesquisa da gradiência de [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} no século XXI. Esse banco de dados é composto por 386 textos da modalidade escrita, redigidos especialmente no contexto da internet, postados em sites vinculados à plataforma *Uol*, no período de 1 de agosto de 2014 a 31 de dezembro de 2014. A metade desses textos constitui postagem em blogs e pertence ao site <http://glamurama.uol.com.br/>, que trata de moda e vida de famosos. Em seu levantamento, que totaliza 378 dados, Venâncio (2015) registra todos os padrões de uso formados pelo *chunking para lá de X*, na observação da natureza semântica e morfológica de X; incorporaram-se aos dados nesse corpus aqueles casos em que o elemento **para** surge erodido, sob a forma mais leve **pra**. O autor detecta níveis de crescente vinculação semântico-sintática nessas formações, acompanhados por incremento de estratégias (inter)subjetivas, como destaca ((Oliveira, 2018). Na próxima seção, esses dados serão especificados e comentados, na descrição e análise tanto da gradualidade quanto da gradiência da [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}.

⁶ Os fragmentos utilizados deste corpus foram mantidos tais como extraídos da plataforma em que foram publicados, inclusive com desvios gramaticais, abreviações e outros.

2. A construcionalização gramatical [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}

Nesta seção, os dados e sua análise são apresentados de acordo com a perspectiva histórica do tratamento da construcionalização gramatical, distribuídos conforme exposto na Tabela 1. Essa perspectiva é detectada em micropassos na trajetória dos usos linguísticos, conforme advogam Traugott; Trousdale (2013), e pesquisada a partir dos contextos motivadores da crescente vinculação de sentido e forma, de acordo com a proposta de Diewald (2002, 2006) e Heine (2002). Tal abordagem, que se configura como tratamento da gradualidade da mudança linguística, é complementada, no século XXI, com dados do PB contemporâneo, na evidência, de outra parte, da gradiência verificada na atualidade em torno do *chunking* formado pelas subpartes **para**, **lá** e **de**, acrescidas do *slot X*, que tem no esquema [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} seu ponto de maior vinculação semântico-sintática, configurador de construcionalização gramatical.

2.1. Século XIV

Os exemplares dessa sincronia, a mais antiga pesquisada no banco de dados histórico, perfazem sete fragmentos apenas. Nesses trechos, são detectados somente contextos *normais* de uso de **para** e **lá**, ou seja, fragmentos pospostos ao verbo, nos quais a preposição atua na articulação de sentido direcional espacial e o pronome locativo se refere efetivamente a um espaço geográfico, físico e concreto. Trata-se de sequências como as seguintes:

(3) E elle tornou a terra a dõ Pero açores e elle fezelle menajen por ella. E a reynna, cõ despeito por que stava presa, fallou cõ os que ha guardavã e mãdou a Castella por algûus e partiose do castelo. Mas os homês boos da terra nõ lho teverõ por boo recado por que se viinha a Castela sem prazer de seu marido e tornarõ **pera la** mui hõrradamẽte. (*Crónica geral de Espanha*)

(4) Et logo, sen mays tardar, se tornarõ a Pirio, et çontárõlle todo o que Asandrus lles disera, et cõmo os rreçebera. Et el, quando todo esto soubo, fuy moy sañado, ca se teuo ende por maltreyto. Et pesouille moyto porque o mar et o uento lles erã tã contrarios. Et logo quisera mouer **pera alá**. Demays, sen todo esto, en cada lugar achauã ãemigos mortaes. (*Cronica Troyana*)

Como podemos observar em (3) e (4), **pera (a)lá** são instanciados em sequências narrativas, adjuntos aos verbos de deslocamento físico *tornarõ* e *mouer*, respectivamente, na referência anafórica a espaço geográfico bem definido – Castela e Pirio. Trata-se, portanto, da instanciação de contextos fonte de **para** e **lá**, nos quais tais elementos cumprem papel prototípico de elemento relacional e de pronome locativo. Assim codificados, esses termos preservam sua composicionalidade, sua maior autonomia de sentido e forma, pospostos a formas verbais como adjuntos circunstanciais.

2.2. Século XV

Os 32 registros de **para lá** nessa sincronia mantêm as funções prototípicas das categorias de preposição direcional e advérbio locativo, respectivamente. Tal condição constata a manutenção do contexto fonte nessa fase da língua. Como ponto de alguma distinção face aos dados do século XIV, observamos certa mobilidade desse arranjo, que surge também anteposto ao verbo ou em meio a outros deslocamentos sintáticos da oração em que se insere, tal como:

(5) Se pouoaraa de ssy e vos escusaraa tanta despesa se nysso vossa alteza quyser entender aalem de poderdes cobrar / muyto mays grande Senhorio naquellas partes E destes vossos rregnnos nam sayram cad ano dous mjll moyos de pom que **pera llaa** vaão, mas antes o pom mell e manteiga çera e coyros poderaa vijr em abastança dos dictos lugares a estes rregnnos (*Cortes portuguesas*)

(6) E, sendo cometido a el-rey dom Afonso Amriquez casamento de sua filha dona Mafalda, como disernos, vierom em taes tratamentos que o conde dom Reymondo viesse aa cidade de Tuuy, que era del-rey dom Afonso, e el-rey chegase aly fazer com ele vistas. E entom se partyo el-rey **pera alaa** com muytos cavaleyros e senhores e perlados,... (*Cronica de Portugal*)

Em (5), **pera llaa** ocorre anteposto ao elemento verbal *vaão*, numa formação mais comum ao português arcaico em relação às fases subsequentes da língua. No fragmento (6), **pera alaa** sucede uma configuração sintática na qual o sujeito *el-rey* se encontra posposto ao verbo *partyo*, o que afasta **pera alaa** de seu escopo verbal prototípico.

Como já mencionamos, na fase contemporânea do português são detectados tais usos, ainda que com pouca produtividade.

2.3. Século XVI

Em meio às 53 ocorrências de **para lá** nesse século, detectamos sete contextos, o que perfaz pouco mais que 10% dos dados, em que o sentido de **para** se torna mais abstrato, uma vez que articula noção de finalidade, como nos seguintes fragmentos:

(7) Dalli se passarão a: Tacuxima para terem lá a Semana Santa que, por ser ilha de Dom Antonio, toda de christãos sem:nenhum gentio, era mais acomodada **para lá** se encerrar a Santissimo Sacramento, e para tomarem os christãos sua disciplina quando e como quizessem. (*Historia do Japam 2*)

(8) Ajudou tambem muito, para se fazer logo a obra, huma mui grande quantidade de madeira que tinha o Pe. Organtino lavrada no Miaco **para lá** fazer humas cazas e seminario para os meninos, conforme ao que o Pe. Visitador lhe tinha escrito. (*Historia do Japam 3*)

Nos trechos (7) e (8), **para lá** surge em sequência de fundo narrativo, na articulação de

porções de natureza descritiva de local específico – *Tacuxima*, em (7), e *Miaco*, em (8). Assim, enquanto **lá** mantém seu sentido fonte locativo, na referência anafórica aos locais referidos, **para** passa a se vincular à forma verbal subsequente, concorrendo para o sentido de finalidade instaurado: *para (lá) se encerrar*, em (7), e *para (lá) fazer humas cazas*, em (8). Tal inferência e polissemia, motivada pelas propriedades contextuais dos fragmentos apresentados, permite classificarmos como *atípico*, nos termos de Diewald (2002, 2006), tais usos.

Embora de pouca produtividade face aos demais dados do século XVI, assumimos que a ocorrência desses contextos evidencia micropasso inicial rumo à construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}. No levantamento do português contemporâneo (VENÂNCIO, 2015), não foram detectados tais usos. Consideramos que essa ausência tem a ver com duas circunstâncias: a) o fato de toda coleta de dados ter sua limitação, de não constituir, por si somente, o retrato fiel dos usos linguísticos de uma comunidade, tratando-se de uma porção, de uma amostra daquilo que, efetivamente, os usuários utilizam e que é captado em *corpora*; b) a constatação de que, como assume Traugott (2012), a atipicidade contextual poder ser detectada em distintos usos, sem ser privativa de um só modo de organização textual-discursiva, ou seja, pode a mudança linguística partir de variados contextos ambíguos, que acabam por convergir numa mesma construcionalização.

2.4. Século XVII

Entre os 23 dados de **para lá** desse século, surgem fragmentos nos quais emerge a polissemia do constituinte locativo **lá**. Essa abstração de sentido tem a ver com aspectos metafóricos, relativos à semântica do espaço a que o locativo se refere, e metonímicos, referentes à disposição sintática dos constituintes da oração que articula. Tal condição é motivada pelas condições textual-discursivas, uma vez que **para lá** é instanciado em sequências opinativas, de caráter mais subjetivo. A polissemia referida acaba por concorrer para que o sentido espacial, atinente aos traços prototípicos da classe dos advérbios locativos, se torne mais esvaziado, na configuração de contextos atípicos, tais como constatamos a seguir:

(9) Considere Vossa Senhoria que Deus lhe não deu o juízo que tem para estes empregos, senão para a consideração dos seus atributos, amor e perfeições. Lembre-se Vossa Senhoria que o fim último para que foi criado foi a glória e o seu louvor e honra, e estas profanas fadigas não caminham **para lá**, pois se encaminham ordinariamente para a glória própria, para o crédito da Pátria e outros fins caducos. (*Cartas espirituais*)

(10) Queira Deus que nos não seja ainda mais custoso este parentesco. Vejo tudo encaminhado a o príncipe acabar de se desenganar em tomar a Coroa, se os autores daquela resolução não teimarem ainda nela. Os aparatos de França mercedores são do cuidado de toda Europa, posto que dos Pirenéus **para lá** parece não são cridos, segundo as desatenções de todas aquelas gentes. E que mau seria, senhor, que agora tivéssemos na Índia com que nos aproveitar de tão

boa ocasião e da disposição dos reis gentios? (*Cartas do Padre António Vieira*)

Os fragmentos (9) e (10) se encontram em textos epistolares, em que constatamos maior subjetividade e dialogismo, com registro de sequências de exposição de pontos de vista, em tom injuntivo. Tais propriedades fazem desse tipo de contexto ambiente propício para *inferências sugeridas*, nos termos de Traugott; Dasher (2002), que se tornam, muitas vezes, gatilho para a mudança gramatical, como no caso de nosso objeto de pesquisa. Trata-se, portanto, de mais um contexto atípico.

Assim, em (9), o escritor se dirige diretamente a seu leitor (*considere Vossa Senhoria, lembre-se Vossa Senhoria*), invocando a mudança de atitude; uma das estratégias para o aconselhamento deflagrado na sequência é justamente a instanciação de **para lá**, em que o locativo retoma espaço complexo e abstrato – *a glória, o louvor e a honra de Deus*. Já em (10) a estratégia que concorre para a maior abstração do pronome locativo é distinta, dado que é usado como marco para o balizamento de um limite vago e impreciso – *dos Pirineus para lá*. Essa configuração de atipicidade contextual não é levantada no nosso *corpus* do português contemporâneo.

2.5. Século XVIII

Conforme destacamos na seção anterior, devido à menor quantidade de textos desse século no *Corpus do Português*, foram levantados somente 10 ocorrências de **para lá**. Tais ocorrências constituem, via de regra, contextos típicos, articuladores de sentido mais lexical, em que ambos os constituintes preservam traços de sua categoria fonte, em arranjo de maior conteúdo referencial e maior composicionalidade, como já detectamos em séculos anteriores. Nessa sincronia, o que figura como distinção são duas ocorrências em que o elemento **daqui**, a anteceder **para lá**, forma uma estrutura de maior vinculação semântico-sintática, um *chunking* mais esvaziado semanticamente, a saber:

(11) Deixemos histórias da carochinha, e entremos verdadeiramente a discorrer. Aí torce a porca o rabo, dizia o outro, e aqui para nós eu digo o mesmo. Parece que alguma bruxa feiticeira está dando figas ao meu entendimento. Ando **daqui para lá**, dando tratos ao meu juízo, e não posso descobrir um assunto que tenha dois dedos de propósito para esta carta. (*Cartas de Cavaleiro de Oliveira*)

(12) P# § O caminho, que daqui vay para a India L# Via, quae est hinc in Indiam. Cic. P# § Vaite d'aqui. L# Hinc abi, Facisse hinc, P# ou L# ex hoc loco P# § **Daqui para lá** & de lá para cá não há mais, que tres passos L# Hinc, eo, & illuc, huc; P# ou L# inde in hunc locum, terni tantum passus intercedunt... (*Vocabulario portuguez, e latino*)

Em ambos os fragmentos, **daqui para lá** constitui um todo de sentido e forma, com menor composicionalidade de suas subpartes em prol da articulação de um novo e convencional

sentido, mais abstrato e (inter)subjetivo. Nesse pareamento semântico-sintático, que tanto surge em sequência expositiva, como em (11), quanto descritiva, como em (12), mantém-se a função adjuntiva adverbial, porém há desbotamento da referência locativa mais objetiva, o que nos permite considerar ser esse outro contexto de natureza atípica, embora não assumamos que se trata de micropasso na trajetória da construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}. Em (12), destacamos também o paralelismo entre as expressões *daqui para lá & de lá para cá*, em que se coordenam duas estruturas fixas do português, na formação de um todo de sentido e forma, com valor persuasivo.

2.6. Século XIX

Nesse século, surge no *Corpus do Português* a estrutura mais vinculada **para lá de**, detectada em 27 fragmentos dos 326 dados gerais de **para lá**. Embora o percentual desse uso seja baixo, totalizando pouco mais de 10% dos dados, o fato de se registrar e fixar por escrito essa formação, com a ocorrência também de elemento de valor temporal após a mesma, faz com que a classifiquemos como *contexto crítico* ou *ponte* para a convencionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}. Tal como Diewald (2002, 2006), consideramos que, nesse caso, temos tanto opacidade semântica e pragmática quanto estrutural. Vejamos dois desses fragmentos:

(13) A mãe sorriu-se. - Isso não é mais possível, Eugênio - tornou ela. - Bem vêz que Margarida já está ficando grande; já ajuda sua mãe, que precisa muito dela.. - Qual, mamãe.. o que Margarida faz em casa, eu e ela indo **para lá de tarde** fazemos num instante.. é recolher os bezerros, dar milho às galinhas.. ora bolas.. isso custa nada.. a costura ela pode trazer para cá..
(*O seminarista*)

(14) E o vão desdém que de rasteiras almas O paciente mérito recebe, Quem, se na ponta da despida lâmina Lhe acenara o descanso? Quem ao peso De uma vida de enfados e misérias Quereria gemer, se não sentira Terror de alguma não sabida cousa Que aguarda o homem **para lá da morte**, Esse eterno país misterioso Donde um viajor sequer há regressado? (*Ocidentais*)

Ambos os fragmentos são extraídos de obras de poetas brasileiros e se constituem em sequências marcadas por (inter)subjatividade e persuasão. Na sequência (13), de natureza dialógica, o trecho *eu e ela indo pra lá de tarde fazemos num instante* sugeriria uma aparente ambiguidade, em que a forma verbal *indo* poderia: a) ser relacionada a **pra lá**, em **indo pra lá**; b) ser neoanalisada como complementada por *de tarde*, como **indo de tarde**. Em (14), embora a opacidade semântico-sintática seja menor, a colocação do sujeito após o verbo e a posposição do nome abstrato *morte* a **para lá de** concorrem para a criticidade contextual, na intensificação desse espaço temporal.

Numa perspectiva histórica, como ressaltamos na seção anterior, ocorrências como (13) e (14) são preciosas como evidência de micropassos que conduzem à mudança gramatical,

no nosso caso, a construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}. Partimos do pressuposto de que, se encontramos registros em *corpora* de antiga datação, na modalidade escrita, de determinado uso, então significa que a comunidade já lançava mão dessa estratégia em maior escala em sua rotina interativa, tornando-se o dado histórico um rastro, uma pista evidencial preciosa do que ocorria no uso falado, fonte empírica a que o analista não pode ter acesso. Em termos de nosso objeto de pesquisa, o século XIX é importante porque se trata da primeira sincronia em que se incrementam as propriedades contextuais favorecedoras da construcionalização gramatical registrada, de modo efetivo, no século XX; é no século XIX que se detecta o contexto crítico que conduz ao esquema aqui pesquisado. Esse resultado ratifica que a mudança linguística, criadora de novas construções de função gramatical, se dá sob forma de pequenas neanálises.

2.6. Século XX

Com relação aos dados desse século, foram coletados somente contextos de instanciação do arranjo **para lá de**, totalizando 47 fragmentos, entre os quais seis pertencem ao PB. Dos 41 dados do PE, prevalecem contextos críticos, em que a distância no espaço físico e concreto é reelaborada como distância no espaço abstrato ou no tempo, em contextos marcados por (inter) subjatividade, como em:

(15) A expressividade certa, íntima, dos que habitualmente, **para lá de um certo limiar de trivialidade previsível**, não se expressam. Dora disse: 'Talvez toda a emoção seja parva' Sara pensava que fazer as pessoas dizerem coisas extraordinárias era certo sinal de ser ela própria extraordinária. (*Missa in albis*)

(16) A Exposição de Lisboa, cuja divulgação esteve presente em vários pontos do distrito de Leiria, pretende atrair a comunidade internacional para um projecto de reflexão comum sobre os oceanos, permitindo que este grande acontecimento possa materializar-se na memória e na vida da cidade, do país e da comunidade internacional, **para lá de 1998**. (*Os Oceanos e a EXPO'98: Dois patrimónios*)

Em (15) e (16), temos a instanciação de **para lá de** na articulação de sentido intensificador, mas ainda integrante da categoria dos adjuntos adverbiais. Em (15), essa expressão demarca e intensifica um *certo limiar de trivialidade previsível*, uma condição subjetiva e abstrata. Em (16), temos **para lá de** referindo-se a todo o tempo a partir de 1998, na articulação de sentido vago e indefinido. Trata-se de sequências expositivas, em que prevalecem pontos de vista e crenças que se negociam na interação.

Com relação aos seis dados do PB, aí sim, é detectado o contexto isolado, nos termos de Diewald (2002, 2006), ou convencionalizado, conforme Heine (2002), em que se constata a construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}. Desses seis dados, em cinco, portanto, na quase totalidade, verificamos a instanciação do esquema em estudo, como nos seguintes fragmentos:

(17) Para chegar a tais conclusões, dr. Robin Baker entrevistou e observou o ato sexual de cem casais ingleses, em todas as suas variações, e criou uma obra controversa e **para lá de polêmica**, considerada pela revista Cosmopolitan “um fascinante livro de cabeceira, ou de qualquer outro momento”. (*Conflitos sexuais e batalhas de alcova*)

(18) Um espetáculo **para lá de ecumênico** vai juntar num palco ao ar livre não longe do parlatório estrelas de todas as facções da MPB. Daniela Mercury e Zezé di Camargo e Luciano já confirmaram. Só falta agora o sim dos megastars convocados para dar brilho total à festa. (*FOLHA:13030:SEC:des*)

Em ambos os fragmentos, temos a instanciação de [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} concorrendo para intensificar o grau do adjetivo que é preenchido no *slot* X. Assim, em (17), destaca-se a polêmica da obra científica do dr. Robin Baker, enquanto em (18) intensifica-se o caráter ecumênico do espetáculo artístico referido. Se observarmos as propriedades contextuais que emolduram tais usos, constatamos que se trata de sequências em que prevalece o tom opinativo geral, a marca de certa informalidade, que também é constatada no tema dos fragmentos, a (inter)subjetividade dos comentários, entre outras. Assim, **para lá de polêmica** e **para lá de ecumênico**, respectivamente, concorrem como mais uma estratégia a favor do tom persuasivo geral desses fragmentos.

Nesses usos, não estamos mais diante da intensificação de uma dada circunstância, mas sim do grau de um atributo, de uma qualificação, o que faz constatar não somente mudança construcional, mas já construcionalização, na convencionalização de um novo esquema na gramática do português. Esse novo e simbólico pareamento de sentido e forma se integra, via paradigmática, nos termos de Diewald; Smirnova (2012), à classe dos intensificadores de grau na rede construcional do português e se distingue do paradigma dos circunstanciadores de espaço, tempo ou quantidade. Temos, portanto, ratificando nossa declaração na parte introdutória deste artigo, um novo esquema, forjado no século XX, que se configura como: a) complexo, porque formado por quatro subpartes; b) gramatical, porque veiculador de sentido procedural, voltado para a intensificação de grau; c) pouco esquemático e parcialmente composicional, porque tem somente uma subparte aberta, a X_{adj}, enquanto as demais são fixas, com alguma retenção de traços de sua categoria fonte.

2.7. Século XXI

Para dar conta dessa sincronia final de análise, partimos dos dados do *Corpus do Português*, como apresentados na Tabela 1. Mantemos a perspectiva da gradualidade da mudança linguística, que faz emergir e se fixar [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}. De outra parte, e complementarmente, voltamos nosso foco para o viés da gradiência sincrônica, com base no levantamento e nos níveis de vinculação semântico-sintática propostos por Venâncio (2015) para o arranjo **para lá de** no PB do século XXI.

Em termos quantitativos, como demonstramos na Tabela 1, destaca-se o incremento da produtividade do arranjo **para lá de**, perfazendo 1.389 dados em fontes do PB, entre os 1.887 dados gerais. Trata-se, sem dúvida, de significativo aumento de frequência *type*, com impacto na configuração gramatical resultante na construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}. Dos 1.389 dados levantados de **para lá de** no século XXI, foram eleitos para análise piloto os 30 primeiros fragmentos, a título de amostragem preliminar, conforme destacamos na nota 3. O olhar sobre esses 30 dados nos fornece um quadro inicial e indicial dos níveis de vinculação semântico-sintática desse arranjo no PB e de sua produtividade, com especial atenção ao ponto mais convencional e integrado desse *chunking*, correspondente à [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}.

Dos 30 fragmentos analisados, em 12 detectamos a instanciação de [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}, como em:

(19) e depois de comer o primeiro, penso que o artigo, que responde por “Onde começam os erros de Lacan”, faz ainda mais sentido e que o Peter Sloterdijk só não é meu novo herói porque não pretendo começar a cultivar heróis depois de velho, e depois do segundo ankimo só quero saber do que paira no céu da minha boca, de papilas **para lá de gustativas**, de sorrisos imperceptíveis ao olhar alheio por serem meus e eu ter certeza que ninguém está me observando... (*Ágora com dazibao no meio | Prolegômenos, (re)flexões e nadas*)

(20) Diante de certas circunstâncias, um ser humano deve fazer o que deve fazer, na hora não terá dúvida a respeito do que seja certo fazer. Depois virão as argumentações e questionamentos, mas isso é só para quem gosta de reflexões. A arquitetura dos relacionamentos atuais é **para lá de complexa e intrincada**, porque nela convergem interesses de diversos tipos e categorias. (*Arauto do Futuro | “Jamais houve um tempo em que eu não*)

Em 40% dos 30 fragmentos que selecionamos como amostra para análise piloto do PB do século XXI, observamos a instanciação de [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}, como ilustrado em (19) e (20). Esse percentual considerável constitui um conjunto de fragmentos marcados por sequências expositivas, em que os locutores expõem seus pontos de vista, crenças e avaliações, convidando e procurando convencer seus interlocutores a partilharem sua opinião. Em (19), o escritor, em primeira pessoa, destaca a fase atual de sua vida, em que assume sua personalidade e autoconfiança; as *papilas para lá de gustativas* fazem parte de um trecho descritivo, que, como fundo, destaca seus traços sensoriais. Já em (20), o autor enfatiza sua avaliação acerca dos relacionamentos atuais, considerando essa arquitetura **para lá de complexa e intrincada**, estabelecendo-se, inclusive, uma interessante coordenação de adjetivos no *slot* X, que concorre para intensificar mais ainda seu ponto de vista.

A construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} é muito mais produtiva ainda nos textos da internet do *site* UOL, de acordo com Venâncio (2015). Dos 378 dados gerais coletados nesse ambiente virtual, 339 são instâncias de uso da construção em análise, o que perfaz cerca de 90% de todo o levantamento. Estamos nos referindo a usos como:

(21) Grazi Massafera aproveitou este domingo (07) para realizar um ensaio fotográfico na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. A atriz posou para as lentes do fotógrafo **Alexandre Puchalsck** com imagens **para lá de provocantes**. (Disponível em: <<http://www.redetv.uol.com.br/tvfama/post/48812/grazi-massafera-provoca-em-foto-contr-a-o-sol.html>>. Acesso em: 7 dez. 2014.)

(22) A partida deste sábado, contra o ABC, às 16h20, em Natal (RN), pela Série B, terá um sabor **para lá de especial** ao goleiro Martin Silva. (Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-b/ultimas_noticias/2014/08/09/vasco-encara-o-abc-com-martin-silva-como-guia-da-casa-uruguaia-em-natal.htm>. Acesso em: 9 ago. 2014.)

Consideramos que usos como os ilustrados em (21) e (22) têm sua alta frequência motivada pelas propriedades pragmático-discursivas dos contextos dos quais emergem. São produzidos em *sites* que abordam temas populares, notícias sobre famosos, em tom informal e distenso, atingindo, assim, público mais amplo. Assumimos que tais condições acabam por favorecer a articulação de estratégias intensificadoras mais pesadas, complexas e recentes na trajetória da língua, capazes de dar conta de modo mais eficiente dos propósitos comunicativos dos locutores e das expectativas dos interlocutores.

Além do incremento da produtividade de [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} no século XXI, observamos também a manutenção de contextos de transição, nomeados atípicos e críticos, por Diewald (2002, 2006), e pontes, por Heine (2002). Esses usos, tomados como pontos de aglomeração no *cline* que leva à construcionalização gramatical, são considerados por nós como marcas de gradiência sincrônica, que, por sua vez, constituem vestígios da gradualidade diacrônica da mudança linguística. Estamos nos referindo, no *Corpus do Português*, a fragmentos do tipo:

(23) Todo conhecimento científico é incerto. E esta experiência com a dúvida e a incerteza é importante. Creio mesmo que tem um valor tão alto que se estende **para lá da ciência**. Creio que para resolver qualquer problema que ainda não tenha sido resolvido é preciso deixar entreaberta a porta para o desconhecido. (*A incerteza em ciência – Ateus*)

(24) Uma de as vozes que se levantou contra foi George Tannstetter, astrólogo e matemático. Em o seu horóscopo previu que viveria **para lá de 1524**, o que o levou a negar os outros calculos. Era um céptico. (*Lição 6 - O DEUS que Comanda o Futuro - A paz do Senhor – Portal*)

Entre os 30 fragmentos eleitos para nossa análise piloto, cerca da metade constituem instâncias de uso como (23), nos quais o *slot* X é preenchido por elemento que se refere a espaço abstrato, vago e mais subjetivo, como *ciência*. Outro tipo de instanciação, também verificado em sincronias passadas e ocorrente no século XXI, é o preenchimento de X com termo de natureza temporal, como *1524*, em (24). Consideramos que se trata de casos de manutenção, no PB contemporâneo, de contextos de transição, de mudanças construcionais que, mais tarde, conduzem à [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}.

Levando em conta os percentuais de usos como (23) e (24) nas páginas da UOL, tal produtividade é bastante reduzida. Dos 378 dados gerais, somente 26 fragmentos são preenchidos em X por elemento locativo, via de regra espaço virtual, e quatro dados com preenchimento de X por constituinte temporal. Esses índices não chegam a perfazer 10% dos dados gerais; consideramos que propriedades contextuais, específicas de gêneros discursivos em circulação na internet, podem ter motivado tais índices reduzidos. Estamos nos referindo a usos como os seguintes:

(25) Basta dar uma olhada na violência verbal das pessoas em comentários nas redes sociais ou em blogs em geral, para se perceber que aqui muito gente vive **para lá de qualquer limite de sanidade**.” (Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2014/08/26/palestinos-comemoram-inicio-de-cessar-fogo-na-faixa-de-gaza.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2014)

(26) A festança era de arromba! Feijoada para 100 pessoas, festa com direito a seresta e tudo mais! Fartura sem fim. Tinha hora pra começar e o término era **pra lá das tantas da noite**. A feijoada, de sabor incomparável, era preparada por meu pai e por ‘Seu’ Otacílio, no improvisado fogão à lenha da casa de Mera, minha irmã, na Rua São João 1299 bairro Todos os Santos. (Disponível em: <<http://montesclaros.com/mural/cronistas.asp?cronista=Raquel%20Chaves>>. Acesso 2 jan. 2015)

Como já destacamos em relação a outras sincronias tratadas nesta seção, no PB contemporâneo não houve registro de **para lá** sucedendo e atribuindo circunstância a termo antecedente. Classificamos usos como (25) e (26) como de função adjuntiva adverbial, embora com configuração estrutural distinta das fases mais antigas da língua, correspondentes a contexto de mudança construcional. Outro ponto distintivo em relação a sincronias pretéritas é o tipo semântico do preenchedor do *slot* X, via de regra um espaço abstrato e vago, como *qualquer limite de sanidade* (25), ou elemento temporal também polissêmico, *tantas da noite* (26). Esse sentido mais subjetivo e etéreo de circunstanciação concorre para o papel intensificador de contextos assim organizados.

Nos dados do PB contemporâneo do site UOL, surge um outro tipo de circunstanciador a preencher X, de valor quantitativo. São nove fragmentos assim instanciados:

(27) cara, pra mim vale gastar um pouco a mais em switch gigabit pq eu uso muita transferência de arquivo em rede lan, pra tu ter uma ideia meus arquivos não estão no meu pc e sim num media server, então ficar pegando arquivos iso **pra la dos 7GB**, vendo filme com 10GB cada e ainda navegar na internet com os 60Mb da net virtua em rede 100Mb não rola” (Disponível em: <<http://adrenaline.uol.com.br/forum/internet-redes/549650-hub-ou-swit ch-2.html>>. Acesso em: 3 dez. 2014)

(28) E' sarandi o tempo passa o tempo voa e os espertos continua numa boa , hoje fiquei sabendo que tem um professor de futsal nomeado pelo atual governo CARLOS DE PAULA , pelo jeito cc 3 usa e abusa das estruturas do município , ganha até um salário razoável , e acreditem senhoras e senhores , tem **pra lá de cem alunos** e pasmem , cobra de cada aluno 30.00 reais mensais pelo o uso do ginásio . (Disponível em: <<http://blogdojoaquino.blogspot.com.br/2010/11/e-tempo-passa-o-tempo-voa-e-os-espertos.html>> . Acesso em: 2 jan. 2015)

Assumimos que usos como (27) e (28) são consequentes de expansão *host-class*, nos termos de Hilmelmann (2004). Nesse sentido, uma vez convencionalizado o esquema circunstanciador **para lá de**, complementado por termo espacial ou temporal inicialmente, a fixação desse esquema e sua generalização na comunidade linguística motivaram sua expansão para articulação de circunstância quantitativa, em instanciações como *pra la dos 7GB* (27) e *pra lá de cem alunos* (28). Na função de circunstanciação quantitativa, **para lá de** assume maior sentido intensificador, face à circunstanciação locativa ou temporal; trata-se, assim, de mais uma etapa, um ponto avançado no *cline* para a construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj-ig}].

Apresentamos, a seguir, a Tabela 2, que sintetiza os achados de Venâncio (2015, p. 59), em relação os níveis de vinculação semântico-sintática rumo à [p(a)ra lá de X_{adj-ig}] em sites da UOL no PB do século XXI:

Tabela 2: Frequência e níveis de vinculação de “para lá de X” no século XXI - UOL

Combinação	Ocorrências	Nível de vinculação
Para lá de X _{loc}	26	baixa
Para lá de X _{temp}	4	baixa
Para lá de X _{quant}	9	média
[para lá de X _{adj-ig}]	339	alta
Total	378	

A Tabela 2 sintetiza os tipos, a frequência e o nível de vinculação semântico-sintática das subpartes integrantes do arranjo formado por **para lá de X**. As combinações mais composicionais e menos esquemáticas são aquelas em que X é preenchido por elemento de sentido espacial (26 dados) ou temporal (4 dados), na função adverbial circunstanciadora. A vinculação de sentido e forma do arranjo referido se incrementa mais um pouco com o preenchimento de X por elemento quantificador (9 dados), que, embora mantenha a função adjuntiva adverbial, se situa em escala mais avançada de integração. A baixa produtividade geral do papel circunstanciador adverbial de **para lá de X**, que perfaz cerca de 10% dos dados da Tabela 2 (39 dados em 378 dados gerais), é contrastada com a alta frequência da [p(a)ra lá de X_{adj-ig}] no mesmo banco de dados, com registro de 339 instâncias de uso. Consideramos que esse incremento de produtividade é evidência da convencionalização e da generalização desse esquema, que, uma vez forjado, passa a ser usado pela comunidade linguística como nova construção disponível no *constructicon* do português.

3. [p(a)ra lá de X_{adj-ig}] - relações paradigmáticas e degenerativas

Conforme Diewald; Smirnova (2012), uma vez efetivada a mudança linguística, correspondente ao contexto isolado, um novo estágio é cumprido, com a integração formal do novo constituinte à língua, via paradigmáticação. Em termos construcionais, podemos dizer que, ao se convencionalizar simbolicamente, a [p(a)ra lá de X_{adj-ig}] forma um novo nó no *constructicon* do português, como mais um membro da classe dos intensificadores de grau.

Assim posto, a referida construção passa a competir com outras de sentido similar na expressão da intensificação de grau, como mais uma *camada* para essa função, de acordo com Hopper (1991). Em termos funcionais, tal condição é responsável pela variabilidade linguística, pela competição pelo uso entre os constituintes de um mesmo paradigma. Como novo elemento categorial, fruto de mudança mais recente na língua, assumimos que [p(a)ra lá de X_{adj-ig}] aí se insere como membro marginal, uma vez que não porta os traços mais prototípicos da categoria, como, por exemplo, o advérbio *muito*, o sufixo *-íssimo* ou outros elementos portadores de marca prototípica de intensidade. Tomamos a seguir um trecho do fragmento (21), apresentado na seção anterior, para ilustrar o comentário:

- a. imagens **para lá de provocantes**
- b. imagens **muito provocantes**
- c. imagens **provocantíssimas**
- d. imagens **provocantérrimas**
- e. imagens **provocantes à beça**
- f. imagens **provocantes pra caramba**
- g. imagens **provocantes demais**

Teoricamente, os sete *types* destacados poderiam ser instanciados num mesmo contexto de uso, dado que integram o mesmo paradigma, na expressão de grau intensificador. Por outro lado, também se excluem mutuamente, no sentido de que, ao se lançar mão de um dos *types*, os demais são descartados. Temos, assim, um inventário, um conjunto de termos que competem pelo uso e com sentido correspondente. Sua seleção depende das propriedades contextuais e pragmáticas em jogo na interação.

Observados os sete *types* em perspectiva construcional, consideramos que se trata de microconstruções que pertencem a esquemas distintos, que têm configuração estrutural diversa, mas se relacionam horizontalmente no *constructicon* por conta da expressão de sentido similar intensificador de grau. Essa condição manifesta a propriedade de *degeneração*, nos termos de Van de Velde (2014), que toma a língua como sistema adaptativo complexo. Segundo o autor, a degeneração é parte constitutiva desse sistema e se configura como efeito sincrônico do processo

de mudança gramatical, de caráter histórico; nesse sentido, guarda correspondência com a proposição de Bybee (2010) acerca da gradiência dos usos linguísticos, fruto da gradualidade da mudança.

Conforme Van de Velde (2014), podemos interpretar os sete *types* elencados, pertencentes ao paradigma dos intensificadores de grau, como formas degenerativas, meio redundantes, a serviço da expressão dessa função maior. Com a criação de um novo esquema integrante dessa categoria, como a [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}, o autor considera que a comunidade linguística atua na garantia da eficiência comunicativa, forjando mais um padrão para articulação de sentido intensificador de grau. Ainda conforme Van de Velde (2014), um aspecto relevante e distintivo em sua proposição da redundância linguística⁷ é assumir que a função das formas degenerativas não está somente reduzida à mera competição paradigmática, mas pode desempenhar outras funções associadas à articulação de grau intensificador.

Tomando nosso objeto de pesquisa, a assertiva de Van de Velde (2014) pode ser atestada. O fragmento (21), retomado a seguir, embasa esse posicionamento:

(21) Grazi Massafera aproveitou este domingo (07) para realizar um ensaio fotográfico na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. A atriz posou para as lentes do fotógrafo **Alexandre Puchalsck** com imagens **para lá de provocantes**. (Disponível em: <<http://www.redeTV.uol.com.br/tvfama/post/48812/grazi-massafera-provoca-em-foto-contr-a-o-sol.html>>. Acesso em: 7 dez. 2014.)

O uso de *imagens para lá de provocantes* não só intensifica o grau de provocação das imagens, como também concorre para a coesão de todo o fragmento. Em (21), a sequência narrativa, publicada em site da *redeTV.uol*, resume-se a um pequeno relato em torno de uma atriz bela e popular, da maior emissora de TV aberta do país, que fez fotos na Barra da Tijuca, área nobre da Zona Oeste do Rio de Janeiro, famosa por ter celebridades como moradores; soma-se a esses aspectos o conhecido profissional que tirou as fotos. Portanto, as imagens feitas não podem ser referidas como *provocantes* ou *muito provocantes*, mas como algo além, que ultrapassa a provocação, uma expressão maior, em termos de sentido e de forma, que se adequa ao *glamour* e à relativa informalidade do relato. No contexto assim forjado, *para lá de provocantes* cumpre coesiva e coerentemente esse papel. Se substituíssemos essa expressão por outra correspondente do mesmo paradigma, o efeito de sentido seria outro também, o que reforça o papel das propriedades contextuais, em nível mais amplo, na instanciação construcional.

Tal como na abordagem clássica funcionalista, na LFCU não assumimos a sinonímia dos usos linguísticos. Consideramos que mudança construcional e construcionalização podem criar variabilidade no *constructicon*, seja esta em termos verticais, quando microconstruções

pertencem ao mesmo esquema maior e guardam sentido correspondente, ou horizontais, quando microconstruções de esquemas distintos passam a atuar num mesmo paradigma categorial. A seleção de um membro do paradigma, ou, em outros termos, de uma das construções degenerativas para instância de uso, não é aleatória, mas dependente das propriedades contextuais e pragmáticas envolvidas na interação.

4. Considerações finais

Retomamos, nesta parte final do artigo, as questões que orientam nossas análises e considerações, a fim de respondê-las, na testagem das hipóteses de pesquisa e na verificação dos objetivos aqui assumidos.

Nossa primeira pergunta, a respeito do momento, na trajetória do português, em que se convencionaliza [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}, é respondida com base no levantamento de dados do *Corpus do Português*. Constatamos se tratar de um esquema recente no *constructicon* do PB, que se convencionaliza de modo efetivo e regular a partir do século XX, sincronia em que efetivamente se instancia.

A segunda questão de nossa pesquisa diz respeito aos contextos de uso motivadores dos micropassos que conduziram, sob forma de neanálises, à [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}. Verificamos que sequências referenciais e menos subjetivas, levantadas nos séculos XIV e XV, serviram de base para inferências e polissemias; estas, a partir do século XVI, acrescidas por neonanálises ao nível da estrutura, foram a ponte para a construcionalização [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}. Constatamos que tais contextos de transição são mantidos até os usos contemporâneos, o que evidencia a gradiência da linguagem como consequente da gradualidade histórica da construcionalização gramatical.

A terceira pergunta que nos orienta contempla a forma pela qual, uma vez convencionalizada, [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig} se integra ao paradigma gramatical do português. Observamos que a referida construção passa a constituir, a partir do século XX, um novo e marginal membro da classe dos intensificadores de grau no *constructicon*. Assim inserida, compete pela expressão desse sentido com os demais membros da categoria, configurando variabilidade e atestando o clássico princípio de camadas, nos termos de Hopper (1991). A partir do século XXI, por expansão *host-class*, incrementa-se a produtividade das instâncias de uso de [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}.

Por fim, constatamos que [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}, uma vez paradigmaticizada, estabelece relações degenerativas, em nível horizontal, no *constructicon* do PB contemporâneo com outros *types* de função similar. Na competição pelo uso, motivações de ordem contextual e pragmática acabam por favorecer a seleção de [p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}, como registros mais informais, dialógicos e menos monitorados, além de assuntos populares, relativos ao mundo da moda, das celebridades e outros afins.

⁷ No Funcionalismo, essas questões têm sido enfatizadas por outros autores também, como Haspelmath (1999), acerca da extravagância na linguagem.

Referências

BRINTON, L; TRAUGOTT, E. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, W; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, Düsseldorf. Disponível em: www.constructions-online.de:0009-4-6860, 2006.

DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. at al (eds). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p. 111-131.

FURTADO DA CUNHA, M. A; BISPO, E. B; SILVA, J. R. (orgs.). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: Edufrn, 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A; LACERDA, P. F. C. *Gramática de construções: princípios básicos e contribuições*. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1ed. Niterói: EDUFF, 2017, v. 1, p. 17-46.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. The nature of generalization in language. *Cognitive Linguistics*, v. 20, n.1, p. 93–127, 2009.

HASPELMATH, M. Why is grammaticalization irreversible? *Linguistics* v. 37, n. 6, p. 1043-1068, 1999.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G.

(ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 83-101.

HILPERT, M. *Construction grammar and its applications to English*. Edinburgh Textbooks on the English Language – Advanced, 2014.

HILMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al (eds.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

OLIVEIRA, M. R. O afixoide “lá” em construções do português – perspectivização e (inter) subjetificação. *Linguística*, v. 14, n. 1, p. 109-129, 2018.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, 2015.

ROSÁRIO, I. C; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo, Cortez, 2014.

TRAUGOTT, E. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: KYTÖ, M. (ed.). *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*, Amsterdam: Rodopi, 2012, p. 221-255.

TRAUGOTT, E; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VANDE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: BOOGAART, R; COLLEMAN, T; RUTTEN, G. (eds.). *Constructions all the way everywhere: the extending scope of construction grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2014, p. 141-179.

VENÂNCIO, E. *Instanciações da microconstrução intensificadora “para lá de X” no português contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Instituto de Letras, UFF, Niterói, 2015.